



DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

Cumprimentos e complementos...

*Levy Sodré

Se você estiver só, em terra desconhecida, dois caracteres iniciais darão aos outros a idéia de quem você é: seu traje e seu comportamento.

O comportamento é produto final da educação, processo que se inicia desde o nascimento, evolui e decorre das relações em família e vai se completando através da escola, faculdade, vida em comunidade, atividade em sociedade, terminando por definir em cada um de nós a sua personalidade, demonstrada através daquilo que se resolveu chamar "gestual".

É preciso que se defina, de início, que situação econômica, em princípio, não é uma condicionante maior de educação, mesmo porque existe muita gente de poucos recursos e excelente educação, o contrário anda muito também por este mundo afora.

Etiqueta é o refinamento da educação; e o cerimonial, regras oficiais e oficiais do comportamento entre as pessoas, os vários círculos sociais, países, estados, nações. Isto posto, falaremos hoje sobre um assunto sob o prisma do cerimonial e da etiqueta, que acredito seja muito bem do conhecimento de todos: o beijo.

Beija-se muito por este mundo todo, e mais ainda se deveria pelo que significa de carinho, afetuosidade e toda uma série de sentimentos muito bonitos em homenagem ao amor. Vamos lá:

Beija-se a mão direita de senhoras casadas; de meia idade, mesmo solteiras ou de importância, de pessoas bem mais velhas, no caso homens, em sinal de respeito e consideração. Beija-se sempre a mão das senhoras casadas no momento da apresentação, devendo ser um pe-

queno beijo ou apenas o gesto de curvar a cabeça próxima a sua mão. Excetuando-se duas circunstâncias, se a apresentação for a céu aberto, na rua, ou em lugar público que não permita esta cortesia do apresentado, ou um lugar pouco próprio

o beijo entre os homens; na França, os dois beijos na face demonstram consideração, respeito e homenagem. Na Sicília, o beijo no anel da mão direita do "padrinho" ou do parente mais velho, seja homem ou mulher, é sinal de acatamento.

ralidade e ofensivo desafortado. No entanto, há milênios a representação de atos sexuais através de desenhos ou esculturas é absolutamente normal.

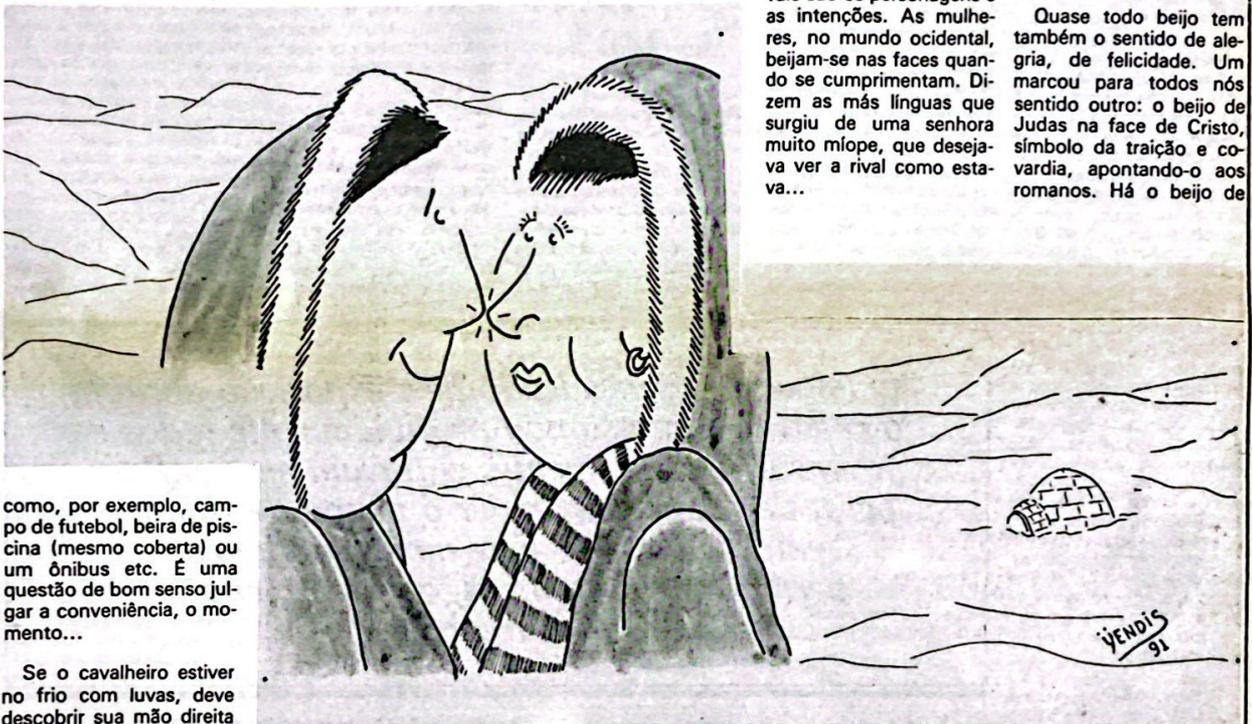
Quando de uma exposição itinerante francesa, foi levado entre inúmeras es-

norte-africanas têm verdadeiros ataques de riso ao ver alguém se beijar. Assim, filmes românticos passam a parecer cômicos pelas continuas risadas do público.

O beijo é um ato de respeito e de solidariedade ou de amor e paixão, o que vale são os personagens e as intenções. As mulheres, no mundo ocidental, beijam-se nas faces quando se cumprimentam. Dizem as más línguas que surgiu de uma senhora muito miope, que desejava ver a rival como estava...

"civilização ocidental"; sei pelo que li depois que o senador foi homem de grande valor e saber, honrado e prestigiado; mas a lembrança da sujeição e subserviência de sua atitude junto aos americanos, nossos aliados, enodou e manchou para mim a sua memória.

Quase todo beijo tem também o sentido de alegria, de felicidade. Um marcou para todos nós sentido outro: o beijo de Judas na face de Cristo, símbolo da traição e covardia, apontando-o aos romanos. Há o beijo de



como, por exemplo, campo de futebol, beira de piscina (mesmo coberta) ou um ônibus etc. É uma questão de bom senso julgar a conveniência, o momento...

Se o cavalheiro estiver no frio com luvas, deve descobrir sua mão direita para cumprimentar. É justificado à mulher receber cumprimentos com luvas. Para ele resta então apenas o gesto de cumprimentar curvando-se próximo à mão da apresentada. Tempos passados, e ainda é um gesto de grande refinamento, quando a senhora estava com luva de cano curto, o cavalheiro segurava sua mão e com a mão esquerda afastava o punho da luva para beijar; gesto além do mais muito romântico. Beijo na testa ou na cabeça de velhos e ou crianças sempre revelam apoio e confiança...

Beijar o rosto demonstra afeto e amizade, independentemente do sexo. Na Rússia, nos países nórdicos e eslavos, é comum

Na Coreia, em vez de beijo, o cumprimento é um apertado abraço entre os homens com as mãos correndo sobre as costas do apresentado. Com as mulheres vale também, com uma apalpada até lá... No Japão, as curvaturas e à distância, sendo que o apresentante postase entre os apresentados e o apresentado deve saudar o apresentando com uma curvatura com as mãos junto aos seus joelhos. Receberá idêntico gesto que agradecerá com aceno de cabeça.

Cada terra tem seu uso... O beijo no Japão é considerado absoluta imo-

culturas e pinturas o celebríssimo "o beijo", de Rodin, tendo sido retirado da mostra. As casas de banho público mistas são absolutamente normais e as gueixas são apenas garçonetes, bailarinas e tocam delicadas músicas para entreter os convidados, e não o que vocês estão pensando...

Entre algumas tribos esquimós é hábito honroso oferecer a mulher ao visitante ilustre ou importante, mas, se algum beijar alguém, seja de qual sexo for, é morte certa. No entanto, o beijo esquimó é uma esfregadeira de narizes. Algumas civilizações

A estória de "três beijos para casar" não tem origem muito clara e perde-se no âmbito das crenças, lendas... Nas velhas famílias de origem latina, o beijo entre os homens é como dignificante prova de amizade. Beijar o anel dos senhores bispos e padres é atitude pública de religiosidade. O mesmo fato às vezes tem sentido bem diverso; por exemplo, lembro-me, e era muito jovem na época, quando vi uma foto no "Cruzeiro" do senador Otávio Mangabeira curvado sobre o joelho beijando as mãos do gen. Eisenhower, por ter salvo a chamada

quem saúda, de quem cumprimenta com afeto e carinho como eu faço a todas e todos associados amigos e o melancólico do bem querer, da despedida que sempre fica marcada pela saudade que sei que virá em breve...

* Levy Sodré já foi chefe de cerimonial do Estado e assessor do então secretário de Saúde, Nelson Pereira dos Santos. Atualmente, é assessor do presidente da Fundação Casper Libero, Constantino Cury. Esta conferência foi realizada no Centro Cultural Italo-Brasileiro de São José do Rio Pardo, São Paulo, tendo sido revista e adaptada para este Suplemento.

O discurso de pos na Academia Pa

Sinto-me extremamente honrado em ser aceito nesta Academia. Sejam minhas primeiras palavras para agradecer àqueles que sufragaram meu nome para integrar o elenco dos que pertencem a este sodalício.

Minha vocação de professor tem, claramente, dois contingentes: o genético e o adquirido. Quanto ao primeiro - o genético -, que devo a meus pais, decorre do fato de ambos terem sido professores. Eles transmitiram-me a permanente vontade de ensinar, sentindo prazer em participar da formação do intelecto do jovem, acreditando estar contribuindo para construir um País melhor.

Nascer e viver a juventude num lar de extrema singeleza material, mas de grande riqueza espiritual, onde o sentimento religioso estava consolidado numa fé inabalável e com elevado espírito cívico, acreditando que pela educação se consegue transformar uma geração e conduzi-la a uma vida melhor é, antes de mais nada, um privilégio que dá sentido à vida, razão especial da necessidade de ser participativo e de sentir a irresistível vontade de mudar a sociedade em que se vive, para conduzi-la a destinos mais promissores. Tais condições desenvolvem a sensibilidade para captar precocemente os problemas, a postura para analisá-los cientificamente, a necessidade de pesquisar para gerar novos conhecimentos e transmiti-los aos jovens, não para ensiná-los o fato pelo fato, mas para que, ao defrontá-lo, saibam fazer reflexões e tomar suas próprias decisões. Enfim, ensinar o jovem a pensar e, assim, preparar-se para enfrentar o desconhecido, até mesmo o imprevisível. O prazer e a beleza que existe no ato de ensinar foram marcados pelo destino em meu código genético.

O mesmo destino que me conduziu pelas trilhas da vocação pela Medicina levou-me a encruzilhadas que me permitiram encontrar grandes personalidades. Elas contribuíram de maneira indelével na formação de meu fênótipo. Neste momento de alegria, sinto um impulso que vem da profundidade de meu íntimo, para homenageá-los. O convívio que tive com eles foi profícuo e plasmou minha personalidade. Refiro-me a Renato Locchi, Euricylides de Jesus Zerbini e Alípio Corrêa Netto.

Renato Locchi - Homem de sólida formação humanística, foi meu professor de Anatomia na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Convivi com ele desde o início do curso médico quando o procurei para iniciar-me em pesquisa científica. Com ele fiz meu primeiro trabalho intitulado **Dados de anatomia étnica do**

musculus cricothyroideus, que mereceu prêmio da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Com Locchi, ainda, fiz minha tese de doutorado em Medicina, versando sobre Anatomia Dinâmica da Valva Mitral.

Locchi transmitiu-me o impulso de ensinar a redigir trabalhos científicos, o que levou muitos colegas a solicitarem minha orientação. O número deles chegou a tal ponto que resolvi ensiná-los em conjunto. Assim, nasceu meu curso de extensão universitária - Metodização da Pesquisa Científica -, que resultou no livro do mesmo nome. O curso foi repetido tantas vezes, a pedido dos jovens ingressantes na carreira universitária, que ficou evidente a conveniência de

titular. Esse fato abriu-me a oportunidade de aprender, diariamente, muitas horas, com Zerbini: ao lado do paciente, no centro cirúrgico, mas principalmente em seu carro no percurso do Hospital das Clínicas ao Hospital São Paulo. Que privilégio, na juventude, privar, intimamente, com Zerbini! Com ele aprendi a operar e muito mais do que ser cirurgião: ser médico.

Alípio Corrêa Neto

Mestre no sentido amplo da palavra. Ele ensinava a profissão, a postura científica diante dos fatos, mas sem perder de vista a comunidade. Aparentava frieza nas atitudes quando, na verdade, estava dando uma aula de autodomínio. Magnânimo em doses certas, confiante, transmitia essa virtude. Publicou a grande obra de Cirurgia em cinco

nos concretos, está situada na confluência de várias ciências e se apresenta com muita técnica aprimorada por significativo contingente de arte. Seus profissionais adquirem, como resultado de sua formação intelectual e de seu treinamento prático, uma visão que permite descortinar amplo universo. Essa oportunidade tornar-se-á real apenas para aquele que não se ativer a viver da Medicina nem se restringir a viver a Medicina, mas cuja dedicação o levar a viver para a Medicina. O estilo de vida propicia um permanente inconformismo, levando-o ao constante questionamento dos fundamentos dos problemas, dos conceitos e dos métodos de sua ciência. Essa maneira de pensar certamente foi a que, no decorrer dos tempos, levou-me prazerosamente a

cadáver impressionou profundamente todos os jovens. Mas suas mentes entravam em conflito para, de relance, entender o tempo de vida e o tempo de morte. Este mais duradouro - permanente e imutável, o outro pleno de transformações. Tudo ali se cristalizava no respeito ao cadáver. O aluno tinha a sensação de estar entrando em um mundo místico onde a morte estava presente para ensinar os segredos da vida. Ele aprendia a respeitar os restos mortais, fragmentados pela dissecação, como sendo parte do corpo de seu semelhante. Evidenciava a crueldade da vida que, pela vicissitude, o colocara na condição de "peça" para estudo. Restava ainda a impressão de o cruel destino estar cobrando, depois da morte, o ônus que, talvez em vida, ele tivesse causado à sociedade. Aque-

do. Na metade do curso chega a hora de autópsia e então se dá o encontro com o cadáver não fixado e com cabelos. Há um impacto que se agrava quando se vê o encontro dos familiares com seu ente querido já vestido, preparado para o funeral. É impossível conter a lágrima.

Nos últimos anos do curso o aprendizado da clínica é feito ao lado do doente, num profícuo estudo do sofrimento e da dor. Embora se imagine que, à semelhança do que ocorre em imunologia, se desenvolve um mecanismo de resistência para proteger o médico de padecer com o sofrimento do seu paciente, uma vez que ele deve sempre representar uma fortaleza a amparar o doente e seus familiares, no íntimo ele compartilha, também, da dor, a cada momento, também, "morre um pouquinho".

A constante luta contra a morte, com freqüentes vitórias, dá tanta satisfação que, muitas vezes, o médico chega a sentir com certa clareza que, na verdade, ele é um instrumento de Deus, que seus poderes são superiores e que suas mãos são privilegiadas. Somente quem vive a Medicina consegue entender o que ele sente ao fazer uma reanimação cardíaca, quando o coração parado volta a bater e a respiração retorna. Ele sente o poder: o doente tinha morrido e ressuscitou em suas mãos!

Erro Médico

O livro **Erro Médico** (Ed. Santos-maltese - 1991), que acabo de publicar, teve sua primeira edição esgotada em três meses. Esse fato, se, por um lado, produz grande satisfação ao autor, por outro, confirma a gravidade do problema. Assim, não podem deixar de pronunciar-me sobre a matéria. Aliás, o que me levou a escrever tal livro foi a repulsa ao ver problemas de tal magnitude ser levados ao "Deus dará", numa condição contemplativa, com o médico aparecendo como o vilão da história, responsabilizado pelos descontentamentos com as falhas do precário sistema de saúde. Não quer isentar de qualquer responsabilidade aquele que errou. Ele deve ser punido. Acho, porém, que o problema é bem mais complexo do que se imagina e da forma em que está sendo focalizado: há outros culpados que não estão aparecendo e, por conseguinte, jamais serão responsáveis.

"O impacto desencadeado pela exposição abrupta do cadáver impressionou profundamente todos os jovens. Mas suas mentes entravam em conflito para, de relance, entender o tempo de vida e o tempo de morte. Este mais duradouro - permanente e imutável, o outro pleno de transformações."

transformá-lo em disciplina de pós-graduação: há três lustros vem sendo repetido e com grande afluência de alunos, chegando ao ponto de haver necessidade de desdobrar turmas. Deste curso resultou outro livro, **Elaboração da Pesquisa Científica**, que já está na terceira edição. É a memória viva para os que não tiveram o privilégio de privar com Locchi.

Euricylides de Jesus Zerbini - Decidi-me pela cirurgia antes mesmo de entrar na Faculdade de Medicina, mas fiquei fascinado ao ver Zerbini operar e, ainda no terceiro ano do curso médico, procurei-o trazendo como apresentação uma separata do trabalho que havia feito sob a orientação do professor Locchi. Diante de tal credencial, o professor Zerbini acolheu-me em seu grupo no Hospital das Clínicas e convidou-me para integrar sua equipe par-

volumes, que todo médico do País conhece, porém, mais do que isso, "publicou homens", pois seus assistentes tornaram-se professores da Casa de Arnaldo e de várias outras escolas médicas do País.

As três personalidades citadas: Locchi, pelo seu contagiante entusiasmo pela pesquisa e fascínio de ensinar; Zerbini, pelo seu talento, tenacidade, perfeccionismo e técnica; e Alípio, pela postura diante da vida e elevado espírito público, tornaram-se meus paradigmas. A eles registro meu respeito e eterna gratidão. Abri meu coração: os senhores, agora, conhecem minha alma!

Aproveito a oportunidade para explanar minha visão sobre a Medicina e como é a formação do médico. A Medicina propicia o conhecimento dos problemas huma-

identificar o trabalho com o lazer.

Formação do médico

Tratarei agora do preparo do jovem para ser médico. Lembro-me da aula inaugural ministrada pelo professor Locchi na Casa de Arnaldo. Ele a iniciou alertando para a necessidade de se aproveitar o tempo, pois este passa muito rapidamente para permitir conhecer todo o corpo humano, de maneira suficiente para ser médico. Chamava a atenção para o fato de o "material" didático utilizado em Anatomia ser muito diferente dos demais, por tratar-se do cadáver humano. No transcorrer da referida aula e num gesto repentino, ele descobria uma fria mesa de mármore branco onde estava o corpo de uma mulher de 28 anos, com a qual 30 anos antes Alfonso Bovero dera sua primeira aula.

O impacto desencadeado pela exposição abrupta do

las circunstâncias marcavam, para o futuro médico, seu início na luta, sem tréguas, contra a morte. O momento era conduzido graças à fulgurante personalidade de Renato Locchi e duas enormes forças colidiam: a vigorosa energia da juventude ali presente, atenta e perplexa, de um lado, e a frieza da morte do outro. O aluno sentia-se como se estivesse participando do ritual de sua iniciação para o sacerdócio da Medicina. Registre-se que a característica do sacerdócio é o trabalho devoto. Aquele era o momento da decisão: viver para a Medicina.

O curso médico inicia-se com o estudo dos ossos e vai passando pelas articulações, músculos, vasos e vísceras. Nesse período a parte prática desenvolve-se em segmentos do corpo humano. O cadáver inteiro só aparece mais tarde e, assim mesmo, fixado em formol e com o cabelo raspado.

se de Irany Moraes lista de Educação

"Não existe política educacional no Brasil. Esta afirmação torna-se evidente quando se consideram as oitenta escolas médicas quanto à oportunidade de sua criação."

bilizados. Refiro-me ao des-
preparo dos médicos diplo-
mados por más escolas, que
nunca deveriam ter sido au-
torizadas a funcionar.

Não existe política educa-
cional no Brasil. Esta afirma-
tiva torna-se evidente quan-
do se consideram as oitenta
escolas médicas quanto à
oportunidade de sua criação.
Não se precisa mais do que
considerar sua distribuição
geográfica, a qualificação
acadêmica de seu corpo do-
cente, a inexistência do hos-
pital-escola próprio, bem co-
mo o fato de sua receita depen-
der, apenas, das mensali-
dades dos alunos.

Quanto à criação, basta
lembrar que as duas primei-
ras escolas, a da Bahia e a do
Rio de Janeiro, foram obras
de D. João VI, em 1808. No
ano seguinte, veio a terceira
no Rio Grande do Sul. Duran-
te um século, o Brasil teve
apenas essas três escolas.
Nos cinquenta anos seguin-
tes, foram criadas mais dez e,
na década subsequente, mais
13. Assim foi que, em 1960,
tínhamos um total de 26 es-
colas. Nos anos 60, foram
criadas 36 e, nos 70, mais 12.
Note-se que hoje, com a au-
tonomia universitária, estam-
os na contingência de o
problema recrudescer com o
surgimento indiscriminado de
mais escolas, uma vez que as
universidades já estão pulu-
lando por aí. O Estado de São
Paulo, há 3 anos, tinha dez
universidades, hoje tem 22.

Os tempos passaram e
aquelas escolas já estão pon-
do o "seu produto na praça".
Hoje, diplomam-se perto de
nove mil médicos para um
mercado de trabalho com ca-
pacidade para absorver, a ca-
da ano, apenas quatro mil e
quinhentos novos médicos.

O grande número de es-
colas médicas existentes, das
quais metade não tem hospi-
tal próprio, nem corpo do-
cente titulado academicamen-
te, permite admitir que
estejam diplomando alunos
insuficientemente prepara-
dos.

Acresce o fato de o privile-
giado sistema de treinamento
de que o médico dispõe no
Programa de Residência Mé-

dica estar em parte distorci-
do, por representar um suple-
tivo para preencher as lacu-
nas do precário curso de gra-
duação oferecido por aquelas
escolas. Some-se o agravante
de existir nos programas de
Residência Médica um total
apenas de três mil vagas, que
certamente absorve os mais
bem preparados. Conse-
quentemente, a cada ano,
são lançados no mercado de
trabalho os restantes seis mil,
comprovadamente desprepara-
dos, que se vão somando
aos dos anos anteriores.

Não tratarei das demais
causas agravantes, uma vez
que esses dados falam por si
o suficiente para o momento.
Também não ficarei no diag-
nóstico, pois quero sugerir o
tratamento para o erro mé-
dico. Como é ilusória a idéia
de erradicá-lo, devemos nos
preocupar com a preven-
ção. Ela deve fundamentar-
se em quatro pontos: Continui-
dade dos programas de
prevenção; Conscientização
da responsabilidade de toda a
equipe de saúde; Atualização
permanente do conhecimento;
Humanização dos servi-
ços de saúde.

Dez medidas objetivas, se
adotadas imediatamente, mi-
nimizarão o problema:

- 1 - Implantar a obrigatoriedade dos exames de qualificação profissional;
- 2 - Fechar as escolas médicas cujos diplomados não sejam aprovados nos referidos exames de qualificação;
- 3 - As Sociedades Médicas Especializadas devem, durante seus congressos, programar cursos ou conferências sobre Prevenção do Erro Médico, localizando os pontos críticos da especialidade;
- 4 - As revistas médicas devem ter uma seção dedicada à prevenção do erro médico;
- 5 - O médico deve aprimorar-se permanentemente, comprovando seu esforço perante o Conselho Regional de Medicina, periodicamente;
- 6 - Todo médico deve sempre examinar o doente de maneira sistematizada e registrar pormenorizadamente no prontuário, seja no consultório, no hospital, ou até mesmo no domicílio;

7 - Os exames complementares devem ser pedidos com critério, devidamente justificados e apenas quando seu resultado possa possibilitar alteração de conduta;

8 - O médico deve ser claro com o doente e familiares, explicando a evolução natural da doença e a esperada com o tratamento proposto;

9 - O doente é sempre quem decide sobre se vai ou não fazer o tratamento, porém, com os elementos fornecidos pelo médico, que não pode aumentar as esperanças nem apavorá-lo;

10 - O médico deve ter a preocupação de relacionar-se bem com o doente.

Júlio de Mesquita Filho

Cabe-me agora prestar a homenagem ao patrono da cadeira número 12 que leva o honrado nome de Júlio de Mesquita Filho. Conheci-o através do convívio com Paulo Duarte, que decantava seus predicados e sua postura diante dos fatos. Seu pensamento é sempre lembrado por meu amigo, o prof. Roque Spencer Maciel de Barros, que não cansa de lembrar seus méritos e maneira de encarar e de dimensionar os valores da universidade. Tomo a liberdade de reproduzir aqui trechos que aparecem no Jornal da Tarde de 14 de julho de 1979.

"Júlio de Mesquita Filho foi um aristocrata. Essa é uma afirmação unânime de adversários e partidários. E ele foi educado como um aristocrata. Desde o início o seu destino estava traçado. Caber-lhe-ia suceder ao pai na direção do jornal O Estado de S. Paulo. Já recebe o nome do pai como marco da tradição e parece receber como missão dar continuidade às suas idéias. Para tanto, deveria ser formado na melhor tradição liberal: a européia.

Nascido a 14 de fevereiro de 1892, em São Paulo, no lar da Liberdade, no velho casarão do avô, o senador José Alves de Cerqueira César, político paulista influente e cunhado de Campos Salles, Júlio de Mesquita Filho terá uma formação reveladora de seu destino. Só nos primeiros anos frequentaria uma escola brasileira: uma escola modelo, leiga e pública Caetano de Campos. A recém-fundada.

Já no início da adolescência, aos 13 anos, iria para a Europa para receber uma

educação mais sólida, mais acadêmica. Suas notas autobiográficas indicam que o primeiro objetivo a ser atingido era uma disciplina intelectual mais rígida. Esta deveria ser conseguida no país de origem do pai, Portugal. Em seguida, deveria mergulhar na mais atualizada cultura francesa e aprofundar-se nas ciências exatas de seu tempo. Vai para o Colégio de La Chatelaine, à beira do lago de Genebra. A intenção do pai até aqui era clara: proporcionar ao jovem uma ampla visão da tradição humanística européia e, ao mesmo tempo, uma sólida formação científica. A nova era das ciências estava surgindo.

Para completar sua formação, deveria preparar-se para ingressar no Liceu Oficial de Genebra, no curso de Humanidades, Real, o que lhe permitiria o acesso à Faculdade de Medicina de Genebra. Neste último particular, porém, Júlio de Mesquita Filho não correspondeu às expectativas do pai. Desde logo preferiu as ciências humanas. Além do mais, vindo ao Brasil, de férias, não quis mais voltar para a Europa. Quando se refere à sua vida no Exterior, um detalhe nos chama a atenção: o número de vezes e as variadas formas sob as quais se revela a saudade do Brasil. Ela aparece como saudades dos pais, a falta da família, a tristeza pelo afastamento, no tempo e no espa-

ço, da casa dos avós ou da casa paterna. É um vago mas profundo sentimento de perda e vazio, que acabam por se configurar como saudades do Brasil. Fato é que, depois de seis anos de ausência, Júlio de Mesquita Filho volta ao Brasil.

Professores estrangeiros - hoje ainda se discute essa questão. Só recentemente a Universidade de São Paulo tomou a decisão de opor-se a uma interpretação da Constituição vigente, retomando a linha traçada por Júlio de Mesquita Filho em sua época, ao contribuir para a criação da Universidade de São Paulo. Já então considerava

experiência em nosso país, para o desenvolvimento de suas carreiras acadêmicas. Esta, aliás, se revelou uma sábia política, tendo muitos desses professores realizado importantes estudos sobre a realidade brasileira em seus vários aspectos."

O sonho com a liberdade custou a Júlio de Mesquita Filho a prisão dezoito vezes, o exílio duas vezes e o confinamento em Louveira. Seu último editorial intitulava-se "Instituições em frangalhos" e foi publicado no dia 13 de dezembro de 1968, data da edição do Ato Institucional n.º 5. Ele faleceu na tarde de 12 de julho de 1969, aos 77 anos de idade.

A tradição acadêmica recomenda que se lembre aqueles que antecederam o empossado na Cadeira que ele vai ocupar.

Laerte Ramos de Carvalho - o primeiro titular foi educador de escol. Conheci-o quando reitor da Universidade de Brasília. Posteriormente participamos juntos do Conselho da Universidade de São Paulo e então pude, de perto, avaliar a dimensão de seu pensamento. Todos os senhores o conhecem e sabem o valor de sua idéia e o significado de sua obra.

Oriundo de Alvaranga Gândio - Meu antecessor. Conheci-o pelas palavras do padre Viotti, por meio de seu discurso de recepção nesta Academia, em 15 de julho de 1979. Pude sentir então que se tratava de educador nato, que dedicou uma vida ao ensino dentro do mais elevado espírito público, praticando a pedagogia da bondade, da esperança, que alimenta todo professor, de melhorar o país.

Nesta Academia, eu não poderia ser melhor apadrinhado do que pelo prof. dr. João Baptista de Oliveira e Costa Júnior. Aliás, ele é, na realidade, meu padrinho desde minha iniciação na vida profissional. Meu primeiro emprego foi conseguido pelo seu prestígio: nos idos de 1952 não havia concurso de ingresso para emprego público; o que valia era a indicação; e graças a ele ingressei no Instituto Médico Legal do Estado de São Paulo onde, aliás, trabalhei com muito orgulho, durante duas décadas. Os senhores podem avaliar o que sempre senti por ele e que hoje, após quatro décadas, sinto ao ouvir estas palavras de acolhimento nesta casa.

Para finalizar, quero prestar minha homenagem ao professor Samuel Pfromm Netto, que lembrou meu nome para pertencer a esta casa. Nosso convívio de três lustros na Fundação Padre Anchieta permitiu admirar sua cultura humanística. Ouço as suas palavras com a maior atenção, pois elas vêm carregadas de muita sabedoria. Aos senhores que me acolhem neste sodalício, meu muito obrigado.

"O sonho com a liberdade custou a Júlio de Mesquita Filho a prisão dezoito vezes, o exílio duas vezes e o confinamento em Louveira."

A Escola Cirúrgica de Edmundo Vasconcelos

• Gladstone F. Machado

A cirurgia, após vencer os grandes obstáculos que através dos séculos limitaram sua prática e evolução (advento da anestesia em 1846, o conceito de assepsia e antissepsia com Lister, também no século passado, e, mais modernamente, com os antibióticos e o avanço nos conhecimentos clínicos de pré e pós-operatório), constituiu-se numa especialidade médica apoiada em sólidos fundamentos científicos.

Surgiram as chamadas escolas cirúrgicas, grupos de médicos, geralmente em serviços universitários, liderados por um chefe carismático, disciplinador e intelectualmente superdotado, que impunha o aprimoramento técnico dessa especialidade e influenciava gerações, através de um trabalho profícuo e inovador.

Entre tantas outras devemos lembrar a Escola Cirúrgica de Breslau (hoje a cidade polonesa de Wrocław), liderada pelo extraordinário médico Mikulicz Raddecki (cujas técnicas e muitos procedimentos em intervenções do aparelho digestivo ainda estão muito em voga, além de introduzir o uso da máscara cirúrgica), do qual foi aluno o futuro professor de Berlim, considerado o pai da cirurgia torácica, Ferdinando Sauerbruch, este igualmente um líder notável.

Citemos igualmente, a título de ilustração, a Escola do Professor Langenbeck, que em seu modelar Serviço na Faculdade de Medicina de Berlim (em fins do século passado) iniciou o regime de pós-graduação em dedicação exclusiva para os cirurgiões, sistema esse que Halsted introduziu nos Estados Unidos, em seu Serviço, a famosa Escola do John Hopkins Hospital, centro difusor da cultura cirúrgica norte-americana e que serviu de base à chamada Residência Médica, inclusive no Brasil.

Foram muitas as escolas cirúrgicas, notadamente na Europa e nos Estados Unidos, que influenciaram os primórdios do ensino nas universidades brasileiras, devendo-se, além das mencionadas, citar a de Theodor Bilroth (Viena), a de Mayo Clinic, a de Benjamim Murphy (Chicago), este, fundador da importante revista médica, hoje chamada "Clínicas Cirúrgicas de Norte-América", de grande circula-

ção em nosso meio.

No Brasil, muitos médicos, que tiveram notável influência na formação e aprimoramento da cirurgia e no desenvolvimento de suas diversas especialidades, poderiam ser citados. Entre tantos outros, brilhantes e abnegados, devemos mencionar, à época, Brandão Filho e Fernando Paulino, no Rio de Janeiro; Alípio Correa Netto e Edmundo Vasconcelos, em São Paulo.

Edmundo Vasconcelos (1905-1990), que focalizaremos neste sumário artigo, foi o ilustre cirurgião que por mais de quatro décadas exerceu notável influência no ensino, pesquisa e desenvolvimento da cirurgia em nosso País, pontificando em sua cátedra na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Professor catedrático muito jovem, iniciou uma carreira médica brilhante, sendo dotado de sólida cultura geral, a par de uma extraordinária habilidade e inclinação inatas para os mistérios da cirurgia, onde foi proeminente e soberbo.

Foram inúmeras as suas realizações e inovações no âmbito da cirurgia. Assim, a Metodização Cirúrgica, que ele publicou em detalhes, divulgando-a para os diversos serviços universitários do país. A importância dessa metodização era especificar as atribuições e tarefas da equipe cirúrgica, com os tempos técnicos do ato operatório sincronizados, sempre numa seqüência perfeita, um trabalho que, ao lado da função artesanal, tinha muito de artístico e harmonioso. Mantinha-se a hierarquia dentro da sala de operações, e cada elemento aprendia exatamente suas atribuições, havendo um cuidado escrupuloso para com os atos fundamentais de direse, hemostasia e sístese, além da exploração endocavitária, trazendo como consequência um menor tempo operatório e anestésico, em benefício do paciente. Ao terminar a intervenção exigia-se que a mesa do instrumental cirúrgico devesse apresentar a mesma disposição e arranjo com que a iniciara.

Sua influência marcante se fazia igualmente através dos chamados cursos de férias, onde anualmente compareciam cirurgiões de todo o país para atualização e reciclagem.

Participou o prof. Edmundo Vasconcelos ativa e ininterruptamente de inúmeros congressos médicos, nacionais e internacionais (computando-se mais de 150 em seu extenso Curriculum Vitae), no Brasil e no Exterior, onde levava sua experiência, notadamente em cirurgia do aparelho digestivo. Pessoalmente mantinha contato freqüente com serviços de cirurgia da América Latina, Estados Unidos e Europa, onde era recebido com honrarias, tendo sido doutor "honoris causae" de várias universidades. No Brasil, além de condecorações e prêmios, foi membro emérito do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, do Colégio Internacional de Cirurgiões e da Academia Nacional de Medicina.

Autor prolífico, além de inúmeros artigos médicos, publicou livros de Medicina, entre os quais "Úlcera Péptica" (em inglês), "Métodos Modernos de Amputação" (em espanhol), "Cirurgia do Megasôfago", "Cirurgia do Câncer do Esôfago", onde expunha técnicas próprias e inovações. Cite-se, por exemplo, a técnica para correção cirúrgica do divertículo faringo-esofágico, suas idéias no polémico tema dos Megás (Megasôfago, Megacolon), variações técnicas em gastrectomias parciais e cirurgia das vias biliares, a reintrodução dos métodos de sutura mecânica para anastomose na cirurgia do colon (década de 50), a sistematização na conduta cirúrgica de amputação da coxa e do pé, onde apresentou uma variante-técnica que leva o seu nome.

Ressalte-se que foi ele um pioneiro na cirurgia torácica, criando em 1938 o primeiro Centro de Cirurgia Torácica em Campos do Jordão. Nessa especialidade, fez igualmente inovações, criando alguns instrumentos cirúrgicos, como, por exemplo, o afastador de omoplata e a rugina para desperiostização costal, ainda hoje em pleno uso.

O prof. Vasconcelos era versátil nas lides intelectuais, possuindo apreciável cultura humanística. Em prosa e poesia abordou vários temas, incluindo entre tantas publicações sua Oração aos Médicos, Psicologia da Aprendizagem Médica, Sessenta anos de Medicina na Universidade de São Paulo, onde salientou o papel dessa universidade

no ensino do País. Seu talento como conferencista e professor valeu-lhe a indicação para a Academia Paulista de Letras.

Todo esse empenho em criar, inovar e divulgar a cirurgia, dentro das normas e exigências do seu serviço, produziu uma pléiade de ilustres seguidores, que desenvolveram e deram seguimento à sua Escola em várias universidades e serviços médicos, públicos e particulares.

Entre tantos outros, pela influência que exerceram e ainda continuam a exercer em diversas Faculdades de Medicina, pela projeção a que fizeram jus, citemos de passagem Rui Ferreira Santos, ilustre emérito do Colégio Brasileiro de Cirurgiões, em Ribeirão Preto; Eugênio Luiz Mauro, em Sorocaba; William Saad Hosne, em Botucatu; Dino de Almeida, na Santa Casa de São Paulo; Silvano Raia, na Faculdade de Medicina da USP; Manuel Cardoso, em Coimbra; F. Amarante, na cidade do Porto; o duflê de cirurgião e escritor médico Salomão Chaib, em São Paulo; o saudoso Valdomiro de Paula, no Pronto-Socorro do Hospital das Clínicas, além de dezenas de chefes de serviços cirúrgicos em São Paulo, no Rio de Janeiro e no resto do País.

Decididamente autoritário ao impor a disciplina e normas em seu serviço de cirurgia, o prof. Vasconcelos era igualmente exigente no cumprimento das atividades médicas no ambulatório, na enfermaria e, principalmente, na sala de operações, onde observava o máximo rigor nos detalhes da técnica cirúrgica.

A rotina do trabalho imposta era exaustiva e exigia de todos um conhecimento básico de Anatomia, Fisiologia, Clínica e Anatomia Patológica, além de rígida disciplina e postura médica conveniente.

Pelo que realizou como cirurgião emérito e professor de Medicina, influenciando de maneira marcante a tantos, merece Edmundo Vasconcelos o título augusto que desde tempos imemoriais costumava-se distinguir uma personalidade como a dele: "Chirurgus Peritissimus et Doctor Clarissimus".

• Gladstone F. Machado é chefe do serviço de Cirurgia Torácica do Complexo Hospitalar do Mandaqui, São Paulo

Coluna do livro

Esta coluna presta homenagem ao insigne mestre do Direito brasileiro, o prof. Paulo José da Costa Jr., que vem de lançar mais um livro (Curso de Direito Penal, Ed. Saraiva), em três volumes, o qual, somado aos outros que escreveu, resulta em vasta obra de inestimável valor científico e pedagógico a todos quanto se achem interessados em conhecer o sistema jurídico penal brasileiro.

Paulo José da Costa Jr. desde os primeiros anos de vida profissional dedicou-se ao ensino, como professor de Direito Penal, ao mesmo tempo que exercia a advocacia, e já àquela época começava a destacar-se entre os seus pares, tamanha a naturalidade e facilidade com que unia a vocação com a aptidão na prática dos mistérios judiciais. A vocação para o direito, nele, é inata, quicá provinda de ilustres parentes, também afetos à arte legal; a aptidão, nota-se pelo grande senso humanístico que envolve o seu pensar, pela facilidade com que transmite as idéias, e pela forma de expô-las, encantando quer o leitor de seus livros, quer o ouvinte quando das suas maravilhosas exposições orais.

Paulo José da Costa Jr. é mestre concursado na Universidade de São Paulo. Por concurso também ingressou na Universidade de Roma, indo, portanto, ao outro lado do mundo ensinar Direito Penal, na pátria do Direito, o que o torna patrimônio nacional, glória viva do ensino legal brasileiro.

Muitas vezes teve que se deparar com a vil inveja e ingratidão de homens elevados à categoria de mando, mas a sua inteligência superior e a sua capacidade de suplantar obstáculos, vigas mestras da natureza do homem súpero, fê-lo transcender aos fatos com ânimo, generosidade e brilhantismo, esquecendo o que podia ser esquecido, perdoadando o que não se pode esquecer.

Paulo José da Costa Jr. tem muitos discípulos, aqui e no Velho Mundo, e em nome deles esta coluna o saúda com efusivos aplausos de parabéns e parabéns. G.A.P.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Carlos Alberto Salvatore - presidente

Anneliese R.F. Thon
Carlos Kleber Canova

Tertúlia

Cássio Ravaglia - Divulgação
Guido Arturo Palomba - Biblioteca
Walter Pinheiro Guerra - Biblioteca

Nélson Pedral Sampaio
Wanda Gonda

Pinacoteca